

Além das fronteiras da filosofia

Michel Foucault (Entrevista)

“Foucault passe-frontières de la philosophie”. *Le Monde*, 6 sept. 1986. Entrevista conduzida por Roger-Pol Droit em 20 de Junho de 1975. Tradução de wanderson flor do nascimento.

– *Que lugar, que status têm os textos literários em sua investigação?*

– Na *História da Loucura* e em *As palavras e as coisas* simplesmente me referi a eles, os mencionei de passagem, como o andarilho que diz: “Bem... ao ver isto não podemos senão falar de *Le Neveu de Rameau*”. Mas não conferi a eles nenhum papel na organização de fato do processo.

Para mim, a literatura era algo a ser observado e não analisado ou reduzido ou integrado ao campo da análise. Era um descanso, um pensamento a caminho, uma marca, uma bandeira.

– *Não desejava que estes textos expressassem ou refletissem os processos históricos?*

– Não... É preciso abordar à questão a partir de um outro nível.

Ninguém analisou realmente como, da massa de idéias expressas, da totalidade do discurso real, a apenas alguns destes discursos (filosóficos, literários) são conferidas uma sacralização e uma função particular.

Pareceria que tradicionalmente os discursos literários ou filosóficos poderiam funcionar como substitutos ou como um invólucro geral de todos os outros discursos. A literatura deveria representar o restante. Escreveu-se a história do que se dizia no séx. XVIII, passando por Fontenelle ou Voltaire, ou Diderot ou *La Nouvelle Héloïse*, etc. Estes discursos eram considerados como a expressão de algo que, definitivamente, não podia ser formulado em um nível mais cotidiano.

A respeito disto, passei da proposição esperada (mencionando a literatura quando fosse oportuno, sem indicar suas relações com o restante) à francamente negativa, tratando de destacar como positivos todos os discursos literários ou paralelos que se produziam efetivamente, em uma certa etapa, excluindo à própria literatura. Em *Vigiar e Punir* me refiro somente à *má* literatura.

– *Como se pode distinguir entre a boa e a má literatura?*

– Essa é a pergunta com a qual devemos nos confrontar algum dia. Por um lado, teremos de perguntar o que, exatamente, representa esta atividade que consiste em difundir ficção, poesia, contos... em uma sociedade. Também devemos analisar um segundo fato: dentre todas as narrativas, por que algumas delas são sacralizadas, postas a funcionar como “literatura”? São imediatamente assimiladas por uma instituição, que originariamente era bastante diferente: a instituição universitária. Agora está começando a ser identificada com a instituição literária.

– Há uma curva muito visível em nossa cultura. No séc. XIX, a universidade era o âmbito no qual se constituía a chamada literatura clássica e era valorizada como a única base da literatura contemporânea e como crítica desta mesma literatura. A partir daqui, se produz uma curiosa ação recíproca no séc. XIX, entre a literatura e a universidade, entre o professor e o escritor.

Então, pouco a pouco, as duas instituições que, apesar de suas discórdias estavam profundamente vinculadas, tenderam a fundir-se completamente. Sabemos perfeitamente bem que hoje a literatura de vanguarda é lida somente pelos professores universitários e seus alunos. Sabemos muito bem que hoje um professor com mais de trinta anos está rodeado de alunos que estão escrevendo teses sobre seu trabalho. Sabemos que os escritores vivem, principalmente, de ensinar e dar conferências.

Devido a isso, chegamos pelo menos à verdade sobre algo: o fato de que a literatura funciona como tal através da interação, da seleção, da sacralização e da convalidação institucional, da qual a universidade é tanto promotora quanto receptora.

– *Existe alguma característica dentro do texto, ou é apenas uma questão de sacralização pela instituição universitária?*

– Não sei. Simplesmente queria dizer que para romper com muitos mitos, incluindo o do caráter expressivo da literatura, foi muito importante formular o grande princípio de que a literatura só se ocupa de si mesma. Quando se ocupa do autor, o faz simplesmente a partir de sua morte, silêncio ou distanciamento do escritor.

Não interessa aqui tratar-se de Blanchot ou Barthes. O ponto central é a importância do princípio: a intransitividade da literatura. Este era, de fato, o primeiro passo pelo qual podíamos nos libertar da idéia de que a literatura era o receptáculo de qualquer tipo de tráfico, ou o ponto no qual todo o tráfico se deteria ou a expressão das totalidades.

Mas parece-me que esta é só uma etapa, já que, mantendo a análise neste nível, não só se corre o risco de não descobrir a totalidade das sacralizações das quais a literatura tem

sido objeto, mas também se corre o risco de sacralizá-la ainda mais. E isto é o que, de fato, tem acontecido até 1970. Veremos como vários temas originados em Blanchot ou Barthes foram usados como exaltações ultralíricas e ultra-racionalistas da literatura, como estruturas lingüísticas capazes de ser analisadas em si mesma e segundo seus próprios termos.

As derivações políticas estavam ausentes desta exaltação. Até se chegou a dizer que a literatura por si mesma estava tão emancipada de toda determinação que o ato mesmo de escrever era, por si, subversivo; que o escritor, apenas pelo fato de escrever, tinha o direito inalienável de subverter! O escritor era, portanto, um revolucionário, e quanto mais escritura era a escritura, tanto mais se afundava na intransitividade, mais alentava, por esse fato apenas, o movimento revolucionário! Como se sabe, infelizmente se diziam essas coisas...

De fato, o enfoque de Blanchot e Barthes tendia à dessacralização da literatura, rompendo os laços que a colocavam na posição de expressão absoluta. Esta ruptura implicava que o seguinte movimento seria a dessacralização absoluta, tratando de determinar como, na massa global do que se dizia, era possível que essa região particular da linguagem se constituísse, em um momento dado e de uma maneira particular. Não se deve pretender que a literatura tome as decisões de uma cultura, mas, pelo contrário, se deve analisar por que uma cultura decidiu dar-lhe esta posição tão especial e paradoxal.

– *Por que paradoxal?*

– Nossa cultura confere à literatura um lugar que em certo sentido é extraordinariamente limitado: quantas pessoas lêem literatura? Que lugar tem realmente no desenvolvimento geral dos discursos?

Porém, esta mesma cultura obriga a suas crianças, na medida que se aproximam da cultura, a passar por toda uma ideologia da literatura durante seus estudos. Há uma espécie de paradoxo nisso; o qual se relaciona com a declaração de que a literatura é subversiva. O fato de que alguém afirme que é assim, nesta ou naquela crítica literária, não tem importância, não tem consequências. Mas se ao mesmo tempo, toda a profissão docente, desde a escola primária até os chefes de departamentos universitários diz – explicitamente ou não – que para encontrar as grandes decisões da cultura, os pontos de flexão, se deve apelar para Diderot ou Sade, Hegel ou Rabelais, pois se as encontraria ali. Neste nível se dá um efeito de mútua colaboração. Os chamados grupos de vanguarda e a grande quantidade de professores universitários estão de acordo. Isto levou a um sério bloqueio político.

– *Como você tem escapado a este bloqueio?*

– Meu modo de abordar o problema foi evidenciado, primeiro, no meu livro sobre Raymond Roussel e depois no livro sobre Pierre Rivière. Em ambos se coloca a mesma questão: “qual é o limite além do qual um discurso (quer seja o do doente, do criminoso, etc.) começa a funcionar no campo conhecido como literatura?”

Para compreender o que é a literatura, você não quis estudar as estruturas literárias internas. Você preferiria apreender o movimento, o frágil processo pelo qual um discurso não literário, subestimado, esquecido, tão logo como se produz, ingressa no campo literário. O que acontece? Que mecanismo se desencadeia? De que modo se modifica a intenção original deste discurso, pelo fato de que é reconhecido como literário?

– *Contudo, dedicon-se textos a trabalhos literários sobre os quais não se faz essa pergunta. Refiro-me em particular aos artigos publicados em Critique sobre Blanchot, Klossowski e Bataille. Se fossem reunidos em um único volume, ofereceriam uma imagem sobre este itinerário muito diferente do que estamos acostumados.*

– Sim, mas... seria bastante difícil falar sobre eles. Realmente Blanchot, Klossowski e Bataille - que foram finalmente os três autores que me interessaram particularmente nos anos sessenta - eram para mim muito mais que trabalhos literários dentro da literatura. Eram discursos fora da filosofia.

– *E o que isso significa?*

– Tomemos a Nietzsche, se você quer. Em relação ao discurso filosófico acadêmico, que constantemente o fez voltar para si mesmo, Nietzsche representa os limites exterior. Certamente, em Nietzsche se pode encontrar toda uma linha de pensamento ocidental. Platão, Spinoza, os filósofos do séc. XVIII, Hegel... tudo passa através de Nietzsche. E, contudo, em relação à filosofia, tem toda a aspereza, a rusticidade do forasteiro, do camponês das montanhas, que lhe permite, dando de ombros, e sem parecer nada ridículo, dizer, com uma firmeza que não pode ser ignorada: “Ora vamos... tudo isso é lixo...”

Liberar-se a si mesmo da filosofia implica necessariamente uma similar falta de consideração. Não se pode sair dela ficando-se dentro dela, refinando-a tanto quanto possível, dando voltas ao redor dela com o próprio discurso. Não. Conseguir-se isso, opondo-se a ela, com uma espécie de espanto e alegria, uma espécie de incompreensível crise de riso que no final se torna entendimento, ou que em todo caso, destrói. Sim, destrói antes de levar ao entendimento.

Somente na medida em que eu era, sobretudo, um acadêmico, um professor de filosofia, perturbava-me o que ficava do discurso filosófico tradicional no trabalho que eu realizei sobre a loucura. Há um certo hegelianismo que sobrevive ali. Não é necessariamente suficiente para escapar da filosofia tratar com fatos tão baixos como informes policiais, medidas para o confinamento, gritos de loucos. Para mim, Nietzsche, Blanchot, Klossowski eram meios para escapar da filosofia.

Na violência de Bataille, na doçura agitada, insidiosa de Blanchot, nas espirais de Klossowski, havia algo que, enquanto se afastava da filosofia, colocava-a em jogo, emergia dela, para logo regressar... Algo da teoria da respiração de Klossowski está ligado, por não sei quantas fibras, a toda a filosofia ocidental. E por toda a apresentação, formulação, o modo que funciona em *Le Baphomet*, emerge completamente dela.

Estas entradas e saídas através da parede mesma da filosofia, ironicamente, fizeram permeáveis as fronteiras entre o filosófico e o não filosófico.